

O PAPEL DO EDUCADOR NO ENSINO DE LÍNGUA NA ERA DIGITAL

Mônica Saad Madeira (UNIG)
monica.saad@bol.com.br

RESUMO

Nesta pesquisa, será analisado o papel do educador inserido nesse campo da informatização, como um aspecto de contribuir quanto a sua formação permanente, e as exigências realizadas quanto ao mercado de trabalho do século XXI, pois o docente que ficar pensando que ensinar ainda está na época da “manivela”, com certeza ficará aquém das oportunidades oferecidas na sua profissão. Todavia, mesmo estando na era digital, ainda há muitos docentes que renunciam esse novo instrumento de trabalho e é nesse aspecto que fundamenta a pesquisa, tendo em vista que é a partir dela que se abrirá uma oportunidade de repensar como os professores estão ministrando suas aulas perante as inovações tecnológicas e a importância de dar um avanço como forma de aprimoramento a sua formação, tornando mais prático e prazeroso o seu ofício de ensinar, associando a aprendizagem de nossos alunos a partir dessa nova metodologia que se dará saberes significativos quanto à praticidade da sua cidadania, pois a escola e os educadores são sujeitos essenciais que irão contribuir com as novas gerações para o futuro.

Palavras-chave:

Ensino. Informatização. Professor. Sociedade.

1. Introdução

Hoje estamos no século XXI, na Pós-Modernidade à qual se insere nesse contexto a Educação que passa por uma fase de transformação. Assim, pode-se partir do pressuposto que a era digital surge no intuito de fornecer ferramentas que irá ajudar ao cumprimento das exigências de um mundo globalizado. Para tanto, nessa pesquisa é proeminente uma análise de como esse educador deve se posicionar mediante atualizações no seu mercado de trabalho com essas novas tecnologias.

Nos dias de hoje ainda se encontra “escolas” e “professores”, tradicionais que se fecham para a mudança, alegando ser um modismo, pois quando se fala em trabalhar a tecnologia no ensino gera um desconforto por parte dos docentes principalmente os que têm mais anos de carreira, nisso se torna mais lenta o processo de inserção da tecnologia educacional na nossa área de trabalho. Outra questão está na gestão da escola que por sua vez para alcançar as inovações dos mercados promovem aulas de informática nas escolas, todavia por muitas vezes não abre a oportunidade de usar essa ferramenta como uma forma de interagir o ensino–

aprendizado, portanto tem uma sala cheia de computadores que poderia não somente ensinar informática, todavia incentiva o ensino de português, matemática e outras áreas de conhecimento de forma interdisciplinar como apoio pedagógico no processo de ensinar.

Diante disso, apresenta-se a preocupação desse estudo, pois qual o perfil e o papel do professor na era digital? Será que temos professores capacitados para exercer tal ofício? Como os alunos aprendem hoje na era de informatização? Esses docentes têm interesse em aprender essa nova modalidade de ensino através da tecnologia? A partir dessas questões que esse estudo pretende apresentar uma pesquisa bibliográfica no intuito de aprimorar conhecimentos que poderão contribuir quanto o ato de ensinar perante os dilemas encontrados na era digital.

2. O Perfil do professor na sociedade de informação

Há alguns anos atrás, o instrumento de trabalho para se ensinar era o livro, o caderno, o qual esse conhecimento era transmitido na escola e na família. O professor era a figura principal no ato de transmitir o saber.

Hoje em dia esses instrumentos de trabalho já não são vistos como único a ser trabalhado em aula e nem a escola é o único espaço para se promover a aprendizagem. Mesmo assim, na nossa sociedade a formação de professores no Brasil continua sendo inadequada, uma vez que o professor continua dando suas aulas de forma fechada a partir de um currículo e pela oralidade de forma linear e monológica, esquecendo o novo perfil do professor que necessita promover aulas dialógica, polifônica, oportunizando novos espaços para aprendizagem através das inovações tecnológicas.

O perfil do docente mediante as mudanças exigidas na era da informatização, se dá pela busca de alternativa, assumindo uma nova postura no ato de ensinar. Baseado nessas mudanças inseridas na sociedade atual, o perfil dos professores não pode continuar sendo o mesmo, tendo em vista que a sua prática refletirá em relação a sua concepção de homem e de sociedade.

3. Realidade e Ficção: o difícil ajuste às novas competências.

O professor tem a sua disposição um número considerável de possibilidades para o preparo de suas aulas. Cabe a ele saber usar e fazê-lo

adequadamente, extraindo destas todo o escopo de alternativas possíveis e compatíveis com seu plano, o projeto de ensino. A criatividade e ousadia devem ser diretrizes básicas, essenciais em sua escolha, ou seja, devem servir de parâmetro para aulas contextualizadas e interessantes.

Dentro desta perspectiva, o professor necessita estar pronto para fazer uso eficaz das novas tecnologias de informação e comunicação. O uso adequado e integrado das mesmas será o primeiro desafio para o professor nos dias atuais. Faz-se necessário preparar-se para tal. Além disso, requer tempo e é trabalhoso, pois inclui pesquisa, atualização e principalmente planejamento.

Então, poderíamos refletir ainda sobre o que nos diz Moran (MORAN *ET. AL.*, 2000, p. 32): “...uma parte importante da aprendizagem acontece quando conseguimos integrar todas as tecnologias, as telemáticas, as audiovisuais, as textuais, as orais, musicais, lúdicas, corporais”. O segundo desafio refere-se, portanto, a integração interdisciplinar.

Faz-se necessário o intercâmbio de experiências entre os professores, o planejamento de pontos comuns, de projetos que sejam abrangentes, extensores de conhecimento, ao invés de planejamentos fechados, limitadores e limitados que tratam o conhecimento esperado em cada disciplina como bloco estanque, desvinculado, ilhado em perspectivas pessoais e assim inoperantes sob todos os aspectos.

O fundamento para estas afirmativas fica claro à medida que nos reportamos ao conceito de Educação proposto por Moran (MORAN *ET. AL.*, 2000, p. 12) educar “...além de ensinar, é ajudar a integrar, ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade”.

Levar o aluno a uma visão de totalidade depende de intercâmbios, trocas, pois educamos para que ele seja capaz de atingir todas as suas potencialidades pessoais, mas também para capacitá-lo às interferências produtivas na realidade que o circunda, modificando-a e transformando-a para melhor.

Embora o espaço privilegiado para a aprendizagem e a aquisição de conhecimentos seja ainda o espaço da sala de aula, como nos diz Alarcão (ALARCÃO, 2004, p. 30): “(ela) é o espaço onde se procura e produz conhecimento”. Assim, o professor nos dias atuais precisa abrir as portas desta sala de aula restritiva e limitadora para abraçar o mundo além das paredes da escola. Isso porque ensinamos para alunos acostumados a rapidez e a novidade, alunos que, desde a educação infantil, fo-

ram mergulhados em *bites* e *bytes*, conectados em redes, todos perfeitamente identificados em seus IPS, anonimamente interligados. Frente a este cenário real e interessante, a escola, a sala de aula e o professor não podem ser elemento de desconexão. Ao contrário, precisamos dominar perfeitamente estes elementos da tecnologia e deles tirar proveito em favor da educação, do ensino de qualidade e do preparo de uma geração competente, habilidosa e emocionalmente capaz de transformar o mundo e humanizá-lo dominando as máquinas e não sendo por elas dominados. A esse respeito (ALARCÃO, 2004, p. 31) acrescenta: “(...) a escola e os professores não estão preparados para o trabalho que lhes é exigido em função de seus novos papéis.”

Em sua obra *Vídeo e educação*, Joan Ferrés nos fala de um novo homem, de uma maneira de conhecer e de uma nova linguagem como produtos dos meios de comunicação em massa da era eletrônica: “...a aparição e o uso de novas tecnologias provocam alterações nas formas de pensamento e de expressão, nos processos e atitudes mentais, nas pautas de percepção, na proporção dos sentidos” (FERRÉS, p. 13), e faz reflexões importantes à respeito da escola e seu papel: “...nesta encruzilhada ...se encontra, hoje, a escola a qual é racionalista e hierarquizada, porque os conceitos, as generalizações, os condicionamentos verbais e mesmo o raciocínio são hierárquicos por natureza” (FERRÉS, p. 14).

Este seria por fim o último desafio e não menos importante: conhecer os anseios e necessidades de um tempo novo, midiático, urgentizado, tenso, consumista e complexo, adaptar o professor tradicional às novas exigências de modo efetivo e urgente para que continue sendo (PEREZ; CASTILLO, 1999, p. 10): “...mediador e orientador na busca da produção dos conhecimentos”. Do contrário frustração e desânimo permearão o processo humano de ensino e aprendizagem. Sabemos que a docência é “uma forma particular de trabalho sobre o humano, ou seja, uma atividade em que o trabalhador se dedica ao seu objeto de trabalho, que é justamente um outro ser humano, no mundo fundamental da interação humana” (TARDIF; LESSARD, 2005, p. 8).

Ao observarmos mudanças neste “objeto de trabalho” necessário é que pensemos em novas estratégias e princípios metodológicos que venham a redirecionar práticas antigas, alterá-las ou mesmo substituí-las totalmente, a partir de então.

4. *O papel do professor na era digital*

Na sociedade está havendo uma mudança em relação a formas de ensinar e aprender. Para Moran (2000, p. 11) “muitas formas de ensinar não se justificam mais”. A aprendizagem se torna ineficaz uma vez que os docentes e os discentes se conscientizam que as aulas fragmentadas estão ultrapassadas. Sendo assim, não se pode evidenciar que é somente pela informatização que irá resolver o problema da educação, precisando repensar os objetivos da escola e o papel do professor perante a esse novo instrumento de ensino. Até porque, o ensino está diretamente voltado para a atitude do educador, cabe a ele transmitir conhecimentos de forma mediadora e não mais autoritária, atribuindo neste aluno um ensino relacionado à sua cultura e a sua sociedade.

Em relação a esse professor mediador, é mister apontarmos Steven Jonhson, quanto o exemplo das formigas que viviam em rede, mantendo uma interdependência entre elas, não existia um ser autoritário e sim mediador, pois todos têm consciência dos seu atos para permanência da sua sobrevivência e a partir desse exemplo que se faz repensar a papel desse professor que deve mediar alunos conscientes e reflexivos de suas atitudes e não dar nada pronto, tendo em vista que o aluno é ser pensante capaz de constituir a sua própria interpendência a partir da rede que gera seu ciberespaço. Assim é com a rede de colaboração que um indivíduo ajuda o outro a se desenvolver e aprender dentro da sua realidade, pois “ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediados pelo mundo” (FREIRE, 1993, p. 9), com isso o professor passa a ser “um pesquisador em serviço” que “ensina a partir do que aprende”, assumindo uma postura de “orientador mediador” (MORAN, 2000, p. 30).

É através da rede que permitirá a interação entre a comunidade escolar, através da colaboração. Em relação à colaboração, Masseto acrescenta:

Uma mudança de atitude em relação à participação e compromisso do aluno e do professor, uma vez que olhar o professor como parceiro idôneo de aprendizagem será mais fácil, porque está mais próximo do tradicional. Enxergar seus colegas como colaboradores para seu crescimento, isto já significa uma mudança importante e fundamental de mentalidade no processo de aprendizagem. (MASSETO, 2000, p. 141)

Quando se pensa na oportunidade de inserir um trabalho educacional a partir da rede desconfigura a sala de aula como o único espaço, ultrapassando essas paredes, promovendo condições de trabalhar o conhecimento de forma polifônica, autônoma, interativa e participativa.

O ato de ensinar se dá quando o professor organiza situações de aprendizagem à qual o seu alunado possa se sentir favorecido no ato de aprender a partir do momento que este esteja vinculado a compreensão do mundo dentro de suas representações, respeitando as diferenças culturais a partir da identidade num posicionamento social e cultural inserido entre o mundo individual e público. Nessas identidades culturais, existe a apropriação dos sujeitos quanto aos costumes, valores, significados de forma estável e unificada numa demarcação representada pela sua sociedade (HALL, 2006).

Nesse aspecto, o papel do professor está em trabalhar aulas dialógicas como um mediador do ensino aprendido e é através dessa prática que auxiliar o seu aluno a relacionar os conhecimentos e aplicá-los em situações reais, promovendo aulas fora dos ambientes tradicionais como sala de aula e inserindo outros recursos que permitem o processo de ensinar a prender como email, como também transformações contemporâneas que ampliam o conceito de educação, podendo trabalhar a individualidade através da coletividade que envolvem a cibercultura e ciberespaço que identificará o seu aluno como um cidadão a partir da sua constituição histórico-social-cultural.

5. *A interação entre professor e aluno*

Em parceria, professores e alunos precisam buscar um processo de auto-organização para produzir conhecimento significativo e relevante. O volume de informações acumulado nestas últimas décadas não permite abarcar todos os conteúdos que caracterizam uma área do conhecimento, portanto professores e alunos precisam aprender a aprender como acessar a informação, onde buscá-la, como depurá-la e transformá-la em produção de conhecimento.

O profissional, para ser competente, precisa ser um investigador intermitente, um cidadão crítico, autônomo e criativo que saiba solucionar problemas, utilizar a tecnologia com propriedade e ter iniciativa própria para questionar e transformar a sociedade. Segundo Freire (1997), nesse processo de transformação, o aluno deve buscar uma formação ética e solidária e assumir seu papel como sujeito histórico. A escola, por sua vez, precisa oferecer situações que envolvam e responsabilizem os alunos por uma aprendizagem solidária.

A ação docente inovadora precisa contemplar a instrumentalização dos diversos recursos disponíveis, em especial os computadores e a

rede de informação. Aos professores e aos alunos cabe participar de um processo conjunto para aprender de forma criativa, dinâmica, encorajadora que tenha como essência o diálogo e a descoberta. Com essa nova visão, cabe aos docentes empreenderem projetos que contemplem uma relação dialógica, na qual, ao ensinar, aprendem; e os alunos, ao aprender, possam ensinar (FREIRE, 1997). Os professores e os alunos passam a ser parceiros solidários que enfrentam desafios a partir das problematizações reais do mundo contemporâneo e demandam ações conjuntas que levem à colaboração, à cooperação e à criatividade, para tornar a aprendizagem colaborativa, crítica e transformadora.

Uma prática pedagógica competente, que acompanhe os desafios da sociedade moderna, exige uma inter-relação dessas abordagens e o uso da tecnologia inovadora. Servindo como instrumentos, o computador e a rede de informações aparecem como suportes relevantes na proposição de uma ação docente inovadora. Dentre os recursos que têm auxiliado processos de contato entre pares, destacam-se: correio eletrônico: ferramenta de comunicação escrita a distância via rede de computadores; listas de discussão ou fóruns: formadas por pessoas e grupos que têm como objetivo a discussão de um determinado assunto; *chat*: interface gráfica que possibilita conversa com diversas pessoas ao mesmo tempo; teleconferência: conferências que envolvem usuários fisicamente distantes, podendo envolver a transmissão e o recebimento de texto, som e imagem.

Acredita-se que esses recursos devem ser utilizados para subsidiar uma metodologia de ação docente baseada nas aprendizagens, nas competências e nas habilidades que o professor quer desenvolver com seus alunos.

6. *Considerações finais*

Os ambientes educativos devem ter como foco central a autonomia, a criatividade e o espírito investigativo. Com esse desafio presente, o professor precisa optar por metodologias que contemplem o paradigma emergente, a partir de contextualizações que busquem levantar situações-problema, que levem a produções individuais e coletivas e a discussões críticas e reflexivas, e, especialmente, que visem à aprendizagem colaborativa.

A aula não termina... professores e alunos podem ser acessados de qualquer lugar para conversar, tirar uma dúvida enviar e receber ativi-

dades, comentar a aula, ...a era digital possibilita a convivência... não apenas quando estão no mesmo espaço físico, mas também virtualmente, professores e alunos vão aprendendo a viver junto e utilizam as ferramentas digitais para o exercício... professores e alunos podem ser acessados de qualquer lugar para conversar, tirar uma dúvida enviar e receber atividades, comentar a aula, ...a era digital possibilita a convivência... não apenas quando estão no mesmo espaço físico, mas também virtualmente, professores e alunos vão aprendendo a viver junto e utilizam as ferramentas digitais para o exercício da alegria.

Para nós professores, essa mudança de atitude não é fácil. Estamos acostumados e sentimo-nos seguros com nosso papel tradicional de comunicar ou transmitir algo que conhecemos muito bem. Sair dessa posição, entrar em diálogo direto com os alunos, correr o risco de ouvir uma pergunta para a qual não tenhamos resposta, e propor aos alunos que pesquisemos juntos para buscarmos a resposta – tudo isto gera um desconforto e uma grande insegurança (MASETTO, 2000, p. 142).

Portanto, deve-se entender que a tecnologia chegou para somar ao ambiente escolar como um instrumento motivador e imediatista e não como um “monstro” das histórias infantis. Tenhamos a certeza de que não há mais como negar a real importância da presença e funcionalidade dela na vida moderna.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEHRENS, Marilda Aparecida. A formação pedagógica e os desafios do mundo moderno. In: MASETTO, Marcos (Org.). *Docência na universidade*. Campinas: Papirus, 1998.

_____. *O paradigma emergente e a prática pedagógica*. Curitiba: Champagnat, 1999.

_____. O desafio da universidade frente ao novo século. In: *Autores variados*. Educação, caminhos e perspectivas. Curitiba: Champagnat, 1996.

CAPRA, Fritjof. *A teia da vida: Uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. São Paulo: Cultrix, 1996.

CARDOSO, Clodoaldo Meneguello. *A canção da inteireza: uma visão holística da educação*. São Paulo: Summus, 1995.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. *Política e educação*. São Paulo: Cortez, 1993.

FERRES, Joan, La competencia en comunicació audiovisual: propuesta articulada de dimensiones e indicadores. In: *Quaderns del CAC*. La educación en comunicació audiovisual, n. 25, mayoagosto 2006, p. 9-18, Barcelona.

GIROUX, Henry. *Os professores como intelectuais: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

GRINSPUN, Miriam Zippin. *Educação tecnológica: desafios e perspectivas*. São Paulo: Cortez, 1999.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

LÈVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MASETTO, M. T. Mediação pedagógica e o uso da tecnologia. In: MORAM, J.M.; MASETTO, M.T.; BEHRENS, M.A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

_____; BEHRENS, Marilda A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*. Campinas: Papirus, 2000.

MORAES, Maria Cândida. *O Paradigma educacional emergente*. Campinas: Papirus, 1997.

MORIN, E. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2000.

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

_____; MOIGNE, Jean-Louis. *A inteligência da complexidade*. São Paulo: Pierópolis, 2000.

SANTOS, Boaventura. *Um discurso sobre as ciências*. Porto: Aprofundamentos, 1987.

SILVA, M. *Sala de aula interativa*. Rio de Janeiro: Quartet, 2000.